

Um autor volta para casa

Paulo Nassar¹

• I •

Voltar em direção ao passado, guiado pelas memórias escritas, quase orais, registradas no livro *Significados da Paisagem* (2012), de Victor Aquino, é chegar ao Sul de um território imaginado repleto de lembranças e fotografias refeitas, até o limite das tecnologias do recuperar. Fotos pertencentes ao tempo

1. Professor associado, coordenador do Curso de Relações Públicas na USP. Jornalista, mestre e doutor em Ciências da Comunicação. Autor de *Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores*.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*U*m autor volta para casa

pleno da ação de Francisco de Sales Marques Corrêa (1912-1982). A palavra ação está aqui disposta para destacar um Francisco que é protagonista da mediação que se faz entre os leitores desse tempo presente e um tempo já desfeito, quase em ruínas, representado por paisagens e aqueles que as compõem.

Destacam-se, dispostas entre os capítulos do livro, as bem escolhidas fotografias de Tupanciretã e de suas residências, de casas rurais onde a família de Aquino viveu e partiu, de crianças da família Gomes Corrêa, do celebrado Francisco de Sales Marques Corrêa e de muitos de seus aparentados e amigos, esses também recordados nas memórias de Victor Aquino. Fotografias singulares, em sua maioria da autoria de Francisco, que, mais que registros, são a afirmação da força de um homem enraizado em sua terra e em sua família, que aprendeu a usar a máquina que captura e tenta paralisar as imagens no tempo, esse elemento incontrollável e maior do que o homem, devorador de seus filhos e de suas memórias, como bem pintado por Goya, na sua representação de Saturno.

Na abertura de seu livro, Victor Aquino destaca em citação estratégica pinçada de Susan Sontag - pensadora fundamental da fotografia contemporânea - o protagonismo de seu Francisco pai. Sontag fala sobre alguém que “descrevia cada parada de sua viagem como uma peregrinação. E cada lugar podia ser uma ocasião para

*U*m autor volta para casa

uma reclusão inspirada...”. Nesta apropriação garimpada e precisa da frase de Sontag, Aquino sinaliza, para o leitor atento, que o seu pai não é um homem qualquer, apenas alguém, mas um ser da estirpe da pedra que quer ser pedra, do tigre que quer ser tigre como pensado por Spinoza, um homem que persevera em ser o que é (Aisenberg, 2004). Um Francisco que quer afirmar, na medida que avança pelo século até o seu falecimento em 1982, a sua identidade nos âmbitos das paisagens pampeiras do interior do Rio Grande do Sul, das cidades de Porto Alegre e de São Paulo.

É esse protagonismo de Francisco de Sales, enredado com os diferentes contextos, que produz as paisagens escritas de Aquino. Os territórios de sua narrativa não são espaços de fria geometria. Não são apenas topos. São mnemotopos. São territórios promovidos pelas mãos de Mnemosine e algumas de suas filhas, as musas, em lugares de recordação e morada. Um palimpsesto onde Aquino tem um trabalho de raspagem e de reinserção de suas moradas e de suas histórias e fotos familiares. A duração desse trabalho sobre a sua paisagem familiar é talvez o hiato entre a morte de seu pai e o seu renascimento em livro, em 2012.

Esse trabalho do autor sobre as suas origens nos estimula a resgatar os significados amplos da palavra morada relacionado com as suas outras possíveis acepções como habitação, residência, lar, casa, museu e memória. E o estabelecimento desse lugar como uma parte separada

*U*m autor volta para casa

da natureza, onde se pode com segurança ser protegido pelos bons e maus deuses primitivos - aqueles que os gregos nominaram de *eudaimons*: a Amizade, o Sono, o Amor, o Medo, a Morte, a Força, a Velhice, a Cooperação, finalmente os Afetos. Não por acaso, tudo aquilo que forma o ethos da casa e da família, que se projeta e influencia as paisagens mais amplas: a cidade, a região, o país, o mundo e os seus povos. Paisagens que lembram os limites, as divisas, as fronteiras e as paredes como elementos do cotidiano que, além de marcos, significam proteção ao ninho, à terra de origem, à casa, ao humano.

Cassigoli (2010) lembra que o pré-socrático Heráclito pensava que “a casa é o anjo protetor do ser humano”. A morada é o lugar onde nascemos, crescemos e morremos. A defesa e a afirmação desse lugar doméstico e conhecido é a defesa da memória e da identidade e da intimidade do ser. Nestas relações como âncoras da memória localizam-se os acontecimentos da infância, do desprendimento e da morte. É nesses espaços e tempos que Aquino constrói as suas narrativas de pai, de moradas e de família.

O pai protagonista embalado pela citação de Sontag é nos apresentado por Aquino a partir de suas carências: “Toda vez que conversávamos sobre essas histórias de família, ouvindo-o contar sobre datas e idades, impressionava-me muito ainda perceber em meu pai o desalento de não ter tido a oportunidade de crescer próximo ao pai

*U*m autor volta para casa

dele, de conviver com este, de ouvi-lo, de acompanhá-lo na vida com um pouco mais idade. Mas lembrava-se nitidamente do modo de ser do genitor, de como cuidava de tudo à volta, de como quebrava o chapéu na testa, de como montava, ou de como segurava o relho apoiado no frontão do serigote. Coisas guardadas de memória de uma infância longínqua”.

A memória de seu pai não esquecida pelo filho afirmase livro adentro, construindo o retrato do avô reconhecido por meio de palavras quase fósseis em nossa desidratada e digital linguagem cotidiana, que nos transportam de forma precisa para a paisagem pampeira. “Lembrava-se da única vez em que o pai encilhara um petiço manso, servindo-se de um peleguinho macio tingido de amarelo, sobre o qual o montara no animal. Depois, montado ele próprio em seu cavalo, seguiu ao trote curto à frente, segurando uma das rédeas do petiço. Conduziu-o a reboque por uma certa distância , até uns túmulos de pedra que havia dentro da propriedade. Ali chegando, devolveu-lhe a rédea, dizendo: “*Pronto. Agora já sabes como fazer para voltar. Montava sempre o mesmo cavalo. O animal, um baio que, segundo meu pai, “só faltava falar”*. De longe, reconhecia a voz do velho. Se o animal percebia os arreios sobre um cavalete próximo da cerca, já encostava encilhado. Atendia pelo nome de “*Bromado*”. Mas só atendia à voz do dono e de ninguém mais. Qualquer outra pessoa que o chamasse era solenemente ignorada pelo equino”.

*U*m autor volta para casa

E um forte traço do ethos do avô Avelino, em seu momento de morte, é rememorado pelo neto Victor Aquino por meio do que lhe contou o seu pai Francisco: “Entra no único aposento de um casebre existente na tapera e deita sobre uma enxerga forrada de pelegos. Tira a roupa úmida e veste as ceroulas. Deixa-se prostrar sobre a enxerga e cobre-se com o cobertor, o poncho e mais umas cobertas velhas que há no lugar. Começa a suar. Suadouros eram terapias muito usadas naquela época. Acreditava-se que suando bastante o organismo expulsaria os “micróbios” da gripe, da tosse, das constipações e de outros males, acelerando a “cura”. Debilitado pelas extensas jornadas a cavalo, adormece profundamente. É já noite quando acorda com barulho de chuva, que cai torrencialmente sobre o teto de zinco do casebre. Está ensopado de suor. Alguns instantes transcorrem até lembrar-se do cavalo que deixara preso em uma guia para pastar na grama alta ao fundo da tapera. Persegue-o, então, o medo de o animal constipar-se também. Ergue-se num sobressalto. Veste as bombachas ainda úmidas. Calça as botas e sai, direto do suadouro, para a chuva fria. Tossindo e espirrando muito, resguarda o animal em abrigo seguro contíguo ao casebre e volta a dormir. Quando acorda na manhã do dia seguinte está com febre alta, acometido de forte e incurável pneumonia. Longe de qualquer recurso, da família ou mínima existência possível, morre sozinho à noitinha. É encontrado dois dias depois. Victor Aquino comenta esse derradeiro gesto do avô Avelino e destaca

*U*m autor volta para casa

para o leitor que esse gesto dirigido ao seu cavalo Bromado transcenderá a vida a sua vida e a de seu pai. Será esse gesto o norte que guiará as suas vidas, muito além do tempo mítico pampeiro. Diante dessa “reclusão inspirada”, o narrador afirma o que considera capital. “Posso garantir que apenas esse gesto de meu avó, que morreu porque foi socorrer um cavalo, já teria sido suficiente para marcar minha vida inteira. Não foi gesto único a assinalar a minha existência por eu ter acrescido a ele tudo o mais que adveio da vida em família, principalmente no exemplo de meu próprio pai, que também teve origem nesse gesto”.

Outros acontecimentos são narrados pelo autor - a sua relação com o pai, com a cidade de Tupanciretã, os seus poderes (os padres e os professores) e os seus limites paroquiais, que limitavam o progresso do jovem Aquino e de outros jovens. A estação ferroviária da pequena cidade descrita como lugar do desejo de partir, onde, em grupos alternados, todos os moços da cidade se encontravam. “A estação de trem, a via férrea, o movimento de passageiros, as cargas e descargas na cidade representavam algo muito mais expressivo que o transporte ferroviário. Era evento diário visto por muitos, mas que poucos se davam conta do que realmente estava acontecendo”. Mas na interpretação de Francisco de Sales Marques Corrêa “*esses moços estão apenas olhando o trem, que é por onde eles irão embora daqui*”. Ir embora significa abandonar uma paisagem que evitava o fogão elétrico e os eletrodomésticos, que não queria a passagem ali da rodovia federal, que não

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Um autor volta para casa

estimulava os novos empreendimentos, como a Malharia Nayá que os pais de Aquino estabeleceram para substituir o seu negócio de fotografia, o Foto Vitória, ofício e arte que Francisco aprendeu no final dos anos 1930, com um dos grandes nomes da fotografia gaúcha da época, Álvaro Barbeitos, em Porto Alegre.

O menino Victor criou o primeiro *slogan* comercial do novo negócio dos pais: “Concretize sua elegância com Malhas Nayá?”. Em suas férias escolares, entre os anos de 1966 e 1967, Aquino presencia o seu *slogan* ser vaiado, projetado como slide, antes do filme da matiné das 16 horas, *Where the boys are*, uma produção norte-americana de 1960. “Para mim, fato inexplicável. Para o meu pai, não. [...] Aquelas vaias simplesmente fizeram introduzir um começo de entendimento daquilo que realmente era aquele canto de mundo. O imobilismo devia ser garantido por práticas que justificassem a intolerância e o preconceito contra tudo que “*não se sabe exatamente o que é.*” Ou, então, contra tudo que, existindo, “*põe a nu a existência medíocre*” dos circunstantes”. E generosamente Aquino lembra também a existência de outros habitantes daquela pequena paisagem que foram estereotipados por meio de apelidos, mas novamente humanizados pelo autor: o senhor Aristides Santos, Maria Celeste Magalhães da Rocha Falcão, um homenzinho que levava e trazia do posto as vacas do senhor Chiquito Dias, Jorge Adão Gonçalves. Essa dignificação de pessoas hostilizadas pela comunidade de Tupanciretã, promovida pelo garimpar

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Um autor volta para casa

em sua poderosa memória e trazer de volta ao mundo, é arrematada pelo seguinte brado do autor: “Tenho para mim que a cultura do apelido, a maneira atávica de conferir outra denominação às pessoas, nunca de modo carinhoso, mas sempre de maneira jocosa e peculiarmente desrespeitosa, indica o baixo status cultural do grupo, ou comunidade, do qual provém a pessoa que apelida, cognomina ou designa qualquer outro adjetivo para qualificar os outros”.

As memórias transformadas em narrativas contidas em *Significados da Paisagem* têm em sua capa a foto de Francisco de Sales Marques Corrêa a bordo do vapor *La Plata III*, na saída do porto de Buenos Aires, em 11 de julho de 1955. A presença da água ao fundo desta foto nos remete a um mergulho nas águas do rio Mnemósine, para os gregos, um rio vivo e benfazejo, cujas águas bebidas significam lembrar, na perspectiva de eternizar. Consolidar o que foi vivido, mergulhar em uma boa eternidade, como um prêmio sagrado. Victor Aquino, o narrador, é aquele menino que volta sempre para sua casa. Ele sabe que ali jamais estará sozinho.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Um autor volta para casa

REFERÊNCIAS

AISENBERG, Diana. **História del arte**: Diccionario de certezas e intuiciones. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora S.A, 2004.

AQUINO, Victor. **Significados da paisagem**. São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2012.

CASSIGOLI, Rossana. **Morada y memoria**: Antropologia y poética del habitar humano. Barcelona: Editora Gedisa, 2010.

NASSAR, Paulo. A narrativa da reputação. In: d+i Llorente et Cuenca (org). **Reputación y ciudadanía**. Madri: Anatomia de Red, 2014.